



José Cardoso Pires

## Boas-festas e vai disto!

*Transparência-laranja: verdade que se proclama aberta mas afinal secretíssima. Perversa. Lá longe, no seu horizonte-limite, prefigura-se uma nova Censura que nos cale a voz e um SIS em tecnologia de terror que nos despersonalize. Em nome da liberdade transparente, já se vê.*

**ESTE ANO O NOSSO** primeiro-ministro abriu as Boas-Festas nacionais com um arraial de porrada nos desgraçados dos operários da Marinha Grande e logo a seguir foi ao Presidente da República desejar-lhe “um Santo Natal”. Não há contradição nenhuma nisto, nem pensar: porrada e Santo Natal dizem bem com a “coerência transparente” (sic) tantas vezes proclamada no discurso oficial.

Realmente, na ditadura parlamentar a que preside, é com uma transparência de intenções que o nosso primeiro turva a verdade evidente, transformando em boato ou em mistério a corrupção deste ou daquele ministro suspeito; apagando da memória o padre assassinado ou o cónego que é suposto assassino; subscrevendo o Portugal Mentido, o Portugal-Oásis, que os seus apóstolos em delírio lançaram à praça pública. Etc. Transparência-laranja: verdade que se proclama aberta mas afinal secretíssima. Perversa. Lá longe, no seu horizonte-limite, prefigura-se uma nova Censura que nos cale a voz e um SIS em tecnologia de terror que nos despersonalize. Em nome da liberdade transparente, já se vê.

**TRANSPARENTE**, transparente, foi o Natal do Catarino Funileiro, que, ao fim de sete anos de desemprego, o começou numa ceia de pedintes ao deus-dará e terminou numa cama de pensão, rodeado de visitantes misteriosos.

Passara o dia a bater as igrejas e os corredores do metropolitano e, vá lá, sempre conseguira juntar dinheiro

que chegasse para comer com os companheiros em dose reforçada e com vinho à discrição. De resto, o vinho, dizia um deles, é sangue de Cristo e Catarino, que era de poucas luzes em matéria de religião, pegava-lhe na palavra e bebia a dobrar. Apesar disso batia o dente com frio e quando acabou a ceia foi procurar por esses tascos uma aguardente que lhe aquecesse a alma mais o corpo em sagrada comunhão.

Bebeu aqui, bebeu ali, até que às tantas viu sair de uma arcada de luz um cavalheiro muito apesoado, todo em perfumes e aos esses. Atrás dele havia música. Música de putas, pensou o Catarino. Ou se enganava muito ou aquele excelentíssimo estava tão bêbado, tão bêbado, que em vez da missa do galo fora parar a um clube de gajas nuas. Naquele momento preparava-se para regressar a casa, cheio de remorsos, mas não conseguia avançar para o carro que o esperava à beira do passeio com o chófer ao volante. Balançava, balançava, e no meio daquilo descobriu o Catarino Soldador lá algures, na sua turvação, chamou-o e puxou do bolso uma mancheia de notas. Repare-se: no Natal o remorso dos ricos tem muita força, não há que duvidar. E tanto assim que o cavalheiro tresnoitado pegou numa nota ao calhar e, todo em cais que não cais, entregou-a ao desgraça-

do que tinha à sua frente. Cinco contos, nada menos.

“Natal feliz”, rosnou ele numa voz desnorteada.

Perante aquele milagre o pobre iluminou-se por inteiro. Antes que se fizesse tarde, atravessou a noite como uma estrela veloz e foi dar a uma casa de dormidas com roupa limpa, colchão macio e lavatório para ilustrar. Antes de mais nada pagamento adiantado, como mandava a regra, e, posto isso, santas noites e sonhos abençoados, já que a época era de religião e de música de sinos.

Em vez de sinos, Catarino adormeceu em beleza ouvindo suspiros de amor no quarto ao lado que lhe fizeram lembrar os bons tempos que viveira, mas pela manhã acordou de sobressalto com visitantes misteriosos a rodearem-lhe a cama. Hóspedes? Com certeza hóspedes, mas à frente deles estava o dono da pensão a acenar-lhe com uma nota de cinco contos diante dos olhos:

“Conhece isto, seu sacana?”

Isto, gritava o homem, era merda, dinheiro ladrão e de transparência tão falsa que nem enganaria um cego. E passava a nota aos outros que estavam com ele para que vissem, comprovassem com os seus olhos, a verdade daquela burla.

Catarino, sentado na cama, via a nota a girar de mão em mão, discutida à contraluz, mentida por uns e defendida por outros, e só pensava nos mistérios desgraçados que um santo Natal pode trazer a uma criatura de boa fé. Como ele, evidentemente. Como ele. ●